

INTEGRAÇÃO E CONFLITO NA VISÃO DE JORNALISTAS DA FRONTEIRA BRASIL-PARAGUAI

Integration and Conflict in the View of Journalists from Brazil and Paraguay Border

Gesiel Rocha de ARAÚJO*

Resumo: O jornalismo é um instrumento a serviço da integração das comunidades das regiões de fronteira, que pode promover a tensão e o conflito entre os povos dos dois lados, dependendo de como são veiculadas na mídia local as notícias sobre essa complexa relação. Verificar esta hipótese foi o objetivo do levantamento que fundamenta este artigo, compreendendo a visão de jornalistas que atuam na fronteira entre o Brasil (Ponta Porã) e o Paraguai (Pedro Juan Caballero) sobre o impacto de seu trabalho nas relações entre as comunidades das duas cidades. Para isso, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com esses profissionais.

Palavras-chave: Jornalistas, fronteira, Brasil-Paraguai, integração, conflito.

Abstract: Journalism is a tool for the integration of communities in the border regions, which can also promote tension and conflict between peoples on both sides, depending on how the news about this complex relationship are reported by the local media. To verify such hypothesis was the aim of the brief survey that supports this article, seeking to understand the view of journalists working on the border between Brazil (Ponta Porã) and Paraguay (Pedro Juan Caballero) on how their work affects relationships between the communities of both cities. For such aim, semi-structured interviews were conducted with those professionals.

Introdução

Concebida historicamente como instrumento de limite, mas também compreendida mais recentemente como um ambiente de continuidade (WEBER, 2014), a fronteira é um espaço territorial caracterizado pela manifestação de múltiplos e complexos elementos sociais e culturais: pelo menos dois Estados-nações, sistemas políticos e jurídicos distintos, dois ou mais povos, duas ou mais línguas ocupando o mesmo espaço geográfico e geopolítico. Como terreno de complexidades e ambivalências, a fronteira promove a interseção do dia a dia das pessoas que a habitam, caracterizando-se como uma zona de convivência diferenciada.

Apesar de os adventos da globalização da economia e da mundialização da cultura (ORTIZ, 1994) terem contribuído substancialmente para a difusão

* Mestrando em Comunicação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS); pós-graduado em Comunicação Institucional pela Universidade Anhanguera-Uniderp; graduado em Comunicação Social – Jornalismo pela UFMS; e-mail: gesiel.pro@gmail.com.

Keywords: Journalists, border, Brazil-Paraguay, integration, conflict.

do clichê “um mundo sem fronteiras” na atualidade – em virtude de inúmeras iniciativas pela integração das nações (União Europeia, Mercosul, etc.), bem como de uma maior facilidade que as pessoas têm hoje para cruzá-las a trabalho ou turismo –, as fronteiras seguem demarcando territórios e representando um instrumento de contenção do outro. Para alguns estudiosos, inclusive, elas continuam sendo inevitáveis, como Foucher (2009, p. 22): “Não há identidade sem fronteiras. A ordem política moderna implica o reconhecimento, pelos outros, de fronteiras de Estado demarcadas, com base territorial e soberana”.

Quase sempre distantes dos centros de poder dos países, os cidadãos fronteiriços precisam propor e estabelecer seus próprios mecanismos para atender demandas locais e resolver problemas sociais urgentes. Essa realidade ora pode evoluir para a cooperação entre as comunidades envolvidas, ora para o conflito, como aponta Soares (2011, p. 27):

De uma forma abrangente, o sentido de fronteira representa um quadro mais complexo onde, em um espaço demarcado, se misturam questões econômicas, sociais, políticas, históricas, ambientais, urbanísticas e também comunicacionais. Essa situação é particularmente rica no Brasil, país que possui um dos maiores ambientes fronteiriços do planeta.

Exemplos dessa complexidade ocorrem nas mais variadas áreas da vida social, política e cultural fronteira-

ça. Para citar alguns, pode-se observar duas secretarias municipais de Educação de cidades de fronteira firmando um convênio para que alunos de suas escolas públicas estudem do outro lado; ou ainda, na mesma localidade, uma disputa sobre as responsabilidades de desenvolver ações de combate ao mosquito *Aedes aegypti*, transmissor da dengue. Ambas as questões, no entanto, costumam ser abordadas institucionalmente no âmbito da própria fronteira, à margem de eventuais diretrizes dos centros de poder dos países envolvidos.

Nesse contexto, os meios de Comunicação podem exercer um importante papel, oferecendo a plataforma por meio da qual os atores da fronteira se manifestam e discutem publicamente temas de interesse comum. Como destaca Soares (2011, p. 12), “a circulação de informações possibilita trocas sociais importantes e essenciais nas cidades localizadas em regiões de fronteira. É o caso, por exemplo, das televisões e dos telejornais existentes em cidades gêmeas fronteiriças”. Ou ainda, conforme Ota (2015, p. 198), “o espírito de integração, próprio da comunidade fronteiriça [...] é reproduzido também pela mídia radiofônica, demonstrando que os programas emitidos pelas rádios binacionais passam a compor a vida cotidiana das comunidades”.

Avançando do conceito de fronteiras geopolíticas para as fronteiras culturais (LEENHARDT, 2002), este artigo é resultado de um breve levantamento realizado com jornalistas fronteiriços atuantes nas cidades gêmeas de Ponta Porã (localizada ao sul do Estado de Mato Grosso do Sul, no Brasil) e Pedro Juan Caballero (capital do Departamento de Amambay, no Paraguai). Por meio de entrevistas semiestruturadas, o objetivo central do estudo foi conhecer, de forma amostral e preliminar, a opinião desses profissionais sobre a atividade jornalística em uma região fronteiriça e a importância que eles atribuem ao próprio trabalho para a integração e o conflito entre as duas comunidades.

Ao optar-se pelos termos integração e conflito, não se pretendeu adotar a contraposição dos discursos e práticas e, muito menos, a dicotomia valorativa entre ambos os conceitos (ALBUQUERQUE, 2010). Buscou-se, no entanto, discutir se a Comunicação, no sentido amplo, e o jornalismo em particular, podem contribuir para a construção de pontes entre os povos dos dois lados. Considerou-se que este último é a atividade profissional responsável pela produção e veiculação da notícia, elemento que, de acordo com Zurita (2004), pode contribuir para a paz ou a guerra, a integração ou o conflito nos ambientes fronteiriços. Hipoteticamente, pode ajudar os povos a superar traumas ou reforçar estereótipos, preconceitos e mágoas históricas, dependendo da abordagem adotada sobre tais conceitos.

Tal complexidade manifesta-se também no âmbito das instituições locais, na medida que iniciativas e políticas públicas podem ser elaboradas e executa-

das pelas instituições visando à cooperação descentralizada, também entendida como paradiplomacia (DIAS, 2010). Nesse aspecto, como veículo para conteúdos jornalísticos, a mídia fronteira apresenta potencial para desempenhar um papel de destaque na formação da opinião pública dos dois lados (MCCOMBS-SHAW, 1972). A mesma premissa pode ser verificada no que diz respeito à possibilidade de conflito, dependendo da postura adotada pelos veículos de comunicação e pelos jornalistas.

A escolha das cidades gêmeas de Ponta Porã e Pedro Juan Caballero teve como critério o fato de se tratar da região mais expressiva da fronteira Brasil-Paraguai no Mato Grosso do Sul, países com histórico de conflito armado (Guerra do Paraguai, 1864-1870) e forte relação de cooperação e conflito construída no período pós-guerra. Ambas totalizam uma população estimada de mais de 205 mil habitantes (IBGE, 2017; DGEEC, 2015). Além disso, essas cidades têm “suas fronteiras terrestres demarcadas por linhas imaginárias, não existindo nenhum acidente físico que as separe. Unem-se formando um mesmo aglomerado urbano que permite a livre circulação de pessoas sem qualquer obstáculo físico” (SOARES, 2011, p. 12).

Integração e conflito

De acordo com Raddatz (2015), no ambiente de fronteira, a identidade é um elemento híbrido e está mais associada ao sentimento de pertença a determinados ambientes culturais do que às relações de cidadania formal dos indivíduos fronteiriços. Assim, a identidade não estaria exclusivamente vinculada ao documento que comprova a origem dessas pessoas, mas sim à sua bagagem cultural. Sobre isso, a autora (2015, p. 208) afirma que “as identidades fronteiriças estão no âmbito das fronteiras culturais, porque são os inúmeros traços e feições que vão se desenhando no jeito de ser fronteiriço, na imbricação entre nós e os outros”.

Tais relações nem sempre são advindas da ideia de território, mas decorrentes de fatores culturais, como os modos de viver, as oportunidades encontradas, a língua, as afinidades, os gostos e as possíveis sensibilidades que isso desperta em relação ao sentimento de cidadania. (RADDATZ, 2015, p. 205-206).

Dessa forma, não se pode falar de fronteira geopolítica sem considerar as fronteiras culturais, que, ainda de acordo com Raddatz (2015, p. 207), são a manifestação concreta da primeira, “com todas as ambiguidades oriundas de suas práticas no tempo e no espaço”. Neste sentido, Müller (2000, p. 8) observa que os espaços fronteiriços trazem suas peculiaridades num mundo globalizado e conservam relevância e características únicas: “Constituem-se como um espaço

regional, cuja cultura é forjada por elementos específicos, comuns a determinados grupos, estabelecendo assim a ‘diferença’, as peculiaridades locais, eliminando ou borrando os limites oficiais, geopolíticos”.

Com a noção de que se tem na fronteira um ambiente marcado pela mescla cultural e de identidade, adota-se o entendimento de que ela se configura como um espaço onde ocorrem, na prática, os fenômenos da integração e do conflito. Na opinião de Souza e Oliveira (2014, p. 76), no caso específico da fronteira do Brasil com o Paraguai, os limites culturais suplantam os limites políticos e, assim,

A fronteira projeta-se como um espaço de trocas e integração social, uma zona de contato. É um espaço também de ambiguidade por existirem conflitos gerados pelas diferenças culturais, mas também por possuírem uma conexão cultural, como por exemplo, o espaço “brasiguai”. Brasileiros e descendentes que vivem nos departamentos [...] como os de Amambay e Canindeyú, continuam se comunicando em português em seu próprio ambiente e seus filhos são matriculados nas escolas locais, o que torna obrigatório aprender o espanhol e, em convívio com os paraguaios, familiarizam-se com algumas palavras em Guaraní.

Na mesma direção, Bento (2013, p. 15) lembra que, nas cidades conurbadas de fronteira, como é o caso de Ponta Porã e Pedro Juan Caballero, “a linha-limite é atravessada cotidianamente pelos cidadãos dos dois Estados que ali vivem, sendo de fato cidades-laboratório de integração por esses deslocamentos binacionais recíprocos, diários, de ida e volta”. Tal ponto de vista reforça a hipótese de que, em tais regiões, a integração entre comunidades ocorre nas relações práticas e cotidianas, à margem dos circuitos oficiais e instrucionais e, principalmente, dos centros de poder dos países.

A busca por iniciativas integradoras que se observa no cotidiano das regiões de fronteira também tem avançado significativamente enquanto projeto dos Estados-nações envolvidos e como objeto de estudos, debates e ações institucionais. Para Bento (2013, p. 9), a integração regional sul-americana já é um fato concreto protagonizado tanto por civis quanto por militares, podendo ser classificada como integração de vértice (governos) e integração de base (comunidades): “A integração precisa ser qualificada e ampliada, é projeto, mas já é, também, realidade, sobretudo, entre os povos fronteiriços que vivem cotidianamente a integração de fato nas cidades gêmeas e conurbadas das fronteiras sul-americanas”.

Esse complexo cenário fronteiriço, marcado por tentativas e ensaios de integração tanto de vértice quanto de base, pode assumir contornos paradoxalmente conflituosos, permitindo afirmar que um elemento está intrinsecamente vinculado ao outro, como aponta Machado (2002, p. 8): “No sentido mais geral, a noção de fronteira internacional como *lugar* de integração, de comunicação, de encontro, de conflito, advém do *a priori*, de que estamos na presença de sistemas territoriais

diferentes e de nacionalidades distintas”. Dessa forma, Albuquerque (2010, p. 583) entende que

Os conflitos geram formas de integração [...] e explicitam tensões contemporâneas e passadas nas relações entre brasileiros e paraguaios. Por outro lado, a integração é um campo de forças, um movimento diferenciador de aproximação e distância entre os diversos agentes e instituições envolvidas nas relações diplomáticas, militares, econômicas, políticas, sociais e culturais entre os dois países.

Este mesmo autor (2010, p. 589) acredita que esses elementos promovem, ao mesmo tempo, uma “disputa e uma confluência de nacionalidades”, configurando “novas frentes de expansão capitalista e migrações fronteiriças produtoras de identidades, alteridades, diferenças, hibridismos, conflito e integração”. Percepção semelhante é demonstrada por Souza e Oliveira (2014, p. 86) quando afirmam que as zonas fronteiriças sul-americanas estão atualmente em “intenso processo de aproximação, em que, evidentemente, afloram muitos conflitos, revelando as modificações advindas de um novo comportamento de uma sociedade, cada vez mais, informatizada e globalizada”.

Nesse ambiente de complexidade e ambiguidade, retorna-se ao jornalismo como o conjunto de técnicas, práticas e atividades que apreendem e representam uma fração dessa “interação transfronteiriça que se constrói também sobre o cultural, mais especificamente sobre as semelhanças entre padrões de conduta, valores, idiomas, enfim, no entorno simbólico entre os dois lados da fronteira” (RUIZ, 1996, apud SOARES, 2011, p. 154-155). Trata-se, portanto, de uma retroalimentação entre jornalismo e fronteira que mantém o fluxo essencial de informações para a dinâmica da construção das fronteiras culturais. A esse respeito, Raddatz (2015, p. 202) observa que

o jornal, a revista, o cinema, o rádio, a televisão e a internet ativam sentidos e constroem concepções sobre a fronteira que vão influir de alguma maneira sobre a bagagem que já se carrega sobre ela, podendo despertar novas sensações, alterar pontos de vista e criar expectativas a respeito do que se pode encontrar ao adentrar em outro país, por exemplo.

Müller et al. (2010, p. 117) têm ponto de vista semelhante ao explicar que

a mídia interage com os processos sociais de demolição e reestruturação e ao mesmo tempo promove e absorve mudanças. Acompanha e participa do esvaziamento e da composição de novas formas de convivência, onde a lógica da negociação permeia a constituição das culturas.

Ao adotar-se tal abordagem sobre a mídia, é razoável considerar o ponto de vista de Zurita (2004, p. 77-78, tradução nossa) a respeito do jornalismo nas regiões de fronteira:

Hoje, o jornalismo é um instrumento ao serviço da integração entre as nações. Ele acrescenta entre os Estados esferas de diálogo e cooperação mútuos e incentiva a promoção

da paz e da solidariedade, abordando problemas sociais, especialmente conflitos de fronteira e todos os tipos de antagonismos.

Jornalistas de fronteira

Na busca pela compreensão de algumas singularidades do contexto no qual se encontra inserido o jornalista fronteiriço, buscou-se obter, por meio das entrevistas semiestruturadas realizadas no final de 2015, um breve panorama sobre as condições de trabalho desses profissionais, tanto com relação à estrutura oferecida pelos veículos de comunicação quanto ao ambiente físico em que trabalham. Não obstante a grande divergência nas opiniões, destacam-se aspectos como a falta de estrutura de locomoção (veículos motorizados) e a considerável exposição a situações de risco. Além disso, é fácil perceber que, para sobreviver na atividade, os jornalistas precisam trabalhar para várias empresas.

Para Eder Rubens da Silva, então com 42 anos, brasileiro, repórter correspondente do jornal O Progresso (Dourados-MS) e presidente do Clube de Imprensa de Ponta Porã, as condições são normais, as mesmas de outras regiões do Brasil, apresentando as mesmas dificuldades e facilidades. Pedro Zadyr Mascarenhas Robaldo Júnior, então com 39 anos, brasileiro, jornalista proprietário do site Cheffronteira.com, afirma: “Só falo por mim. As condições são boas e com expectativa de melhora”. Por outro lado, para Ronald Diaz, na ocasião com 30 anos, paraguaio, repórter da Radio Sin Fronteras 98.5 FM e dos sites Amambaydigital.com e Pora-news.com, as condições não são tão adequadas. “Muitos meios de Comunicação expõem muito os funcionários sem ao menos dar-lhes condições de se locomover de um lado ao outro em coberturas fora da cidade, por exemplo”, diz.

Há profissionais, no entanto, que apontam outros aspectos, como a diferença entre os veículos e a questão salarial, como é o caso de Nivalcir Pereira de Almeida, na época com 48 anos, brasileiro, assessor de imprensa da Câmara Municipal de Ponta Porã:

Logisticamente [as condições] são muito precárias. Somente a TV Morena possui um veículo motorizado à disposição dos jornalistas para fazer a cobertura. Nem as outras TVs possuem esse tipo de apoio. No geral, os baixos salários também tornam a vida do jornalista em Ponta Porã muito difícil. Não seguimos nem os pisos salariais acordados pelas convenções de classe. Por outro lado, a fronteira é uma fonte inesgotável de matérias, não faltam pautas. Tem muito, muito assunto mesmo!

Na opinião do radialista Giovani Cezar dos Santos, então com 49 anos, brasileiro, que atua nas rádios Nova FM 96,7 e Fronteira AM 670, as condições do jornalismo na fronteira não diferem muito do que é praticado em outras cidades do interior, no entanto,

nunca se vê os veículos de comunicação dando suporte 100% para que se desenvolva o trabalho como tem que ser feito e temos que fazê-lo com nossos próprios meios. Por esse motivo, aqui somos conhecidos mais como ‘o jornalista... e o radialista...’ do que propriamente como profissionais de alguma empresa de comunicação. Quando o jornalista quer falar a verdade nua e crua, sofre as consequências, mas isso não é uma particularidade de Ponta Porã e nem especificadamente da fronteira, é uma realidade que vemos em todos os lugares.

Também buscou-se saber se a língua do outro lado representa uma dificuldade ao trabalho do jornalista fronteiriço. Com exceção de situações pontuais no início de carreira de alguns profissionais, percebe-se que o domínio das duas línguas (português e espanhol e, em alguns casos, o guarani) é uma ferramenta indispensável ao trabalho do jornalista, tanto quanto a técnica da profissão. “Na fronteira, você deve dominar os três idiomas e escrever pelo menos em dois”, enfatiza Lourenso Vera (Leo Veras), na ocasião com 48 anos, brasileiro que atua dos dois lados da fronteira nos sites Poranews.com, Pontaporadigital.com, Connectanews.com e Cheffronteira.com.

A repórter e fotógrafa Fatima Raquel Valdez Velazquez, então com 26 anos e quatro anos de profissão, paraguaia, que trabalha para o site Amambay570.com.py e a rádio Amambay 570 AM, além das páginas La Voz de Amambay I e La Voz de Amambay II na rede social Facebook, afirma: “No começo do meu trabalho, a questão da língua foi muito complicada, pois eu não falava nada de português e era muito difícil na hora de fazer as pautas. Hoje já não tenho esse problema”. É o que expressa também Nivalcir Pereira, na época com 26 anos de profissão: “Antigamente, o acesso a notícias e a leitura de jornais paraguaios eram bem restritos. Hoje, o contato com a língua estrangeira e a leitura de notícias do Paraguai facilitam muito o entendimento”.

Ainda no âmbito da contextualização, buscou-se verificar a frequência com que os jornalistas entrevistados costumam visitar e noticiar o outro lado e identificar os assuntos mais comuns relacionados à fronteira. Também neste caso, as respostas foram bastante variadas, indicando situações opostas. Eder Rubens, por exemplo, afirma que visita e noticia o outro lado regularmente, pois não é possível “dissociar um município do outro, que se integram de forma harmoniosa social e culturalmente”. Já Giovanni Cezar reconhece que vai muito pouco ao lado paraguaio a trabalho, no máximo duas vezes por mês, mas “no meu canal, transmitido das 11h30 às 12h30, pelo menos uma notícia do Paraguai por dia”.

O caso de Nivalcir Pereira é outro, com destaque para as novas ferramentas introduzidas no modo de fazer jornalismo:

A trabalho, vou muito pouco [ao outro lado], pois hoje em dia, com a internet, com os grupos de WhatsApp e redes sociais em geral, a troca de informações entre os jornalistas

dos dois lados da fronteira flui melhor. No jornal em que trabalho pela manhã, fazemos matérias locais mesmo, sem precisar ir ao Paraguai. Buscamos informações por ligações telefônicas, redes sociais.

Quanto aos assuntos mais comuns relacionados à fronteira, as respostas mais comuns dadas pelos profissionais relacionam-se principalmente aos temas policiais e à criminalidade, como homicídios, execuções, assaltos, narcotráfico/tráfico de drogas e até mesmo reconhecimento de cadáveres. Temas mais amenos, como trânsito, economia (alta do dólar, alta de combustíveis), política (eleições, serviços públicos) e cultura vêm em segundo plano. “Mas a imprensa da fronteira, de uma forma geral, tem buscado noticiar as coisas boas, pois cremos que podemos formar cidadãos comprometidos com boas causas”, enfatiza Eder Rubens.

No que diz respeito ao objeto central deste levantamento, não houve opinião contrária entre os profissionais entrevistados quanto ao papel preponderante exercido pelo jornalismo fronteiriço na integração e no conflito entre os povos das duas cidades, variando apenas a intensidade e o peso que cada profissional atribui aos dois conceitos. Na avaliação de Eder Rubens, o jornalismo tem ajudado a retratar a integração entre esses povos nos últimos anos, “que seria impossível em outros países do mundo, após um conflito armado entre os dois países vizinhos [Guerra do Paraguai], que deixou marcas visíveis. A nova geração [de jornalistas] busca a integração, fortalecendo a tolerância”.

Muitos são os exemplos de situações, geralmente cotidianas, em que o jornalismo contribui para a integração, conforme destaca Giovani Cezar: “Como Ponta Porã é uma rota para turistas que vão ao Paraguai em busca do ecoturismo, procuro fornecer informações sobre como eles devem proceder para seguir uma viagem tranquila, e sobre a qualidade do combustível de cada lado”. Leo Veras enfatiza que, ao divulgar os acontecimentos cotidianos da fronteira, o Jornalismo possibilita à população conhecer “situações em que um familiar pode estar enfrentando problemas com a Justiça no Brasil ou no Paraguai”. E Ronald Diaz avalia que a integração se manifesta quando mídia local retrata as frequentes festas e atividades culturais que envolvem as duas comunidades.

Neste sentido, Pedro Zadyr relata um fato que considera relevante para o tema:

No ano passado [2014], vivíamos uma onda de assaltos e furtos nunca presenciados antes. Por meio do [site] Che Fronteira, unimos as pessoas no movimento denominado “Ponta Porã de Joelhos” e fomos às ruas, brasileiros e paraguaios. Disso resultou um grupo, existente até hoje, chamado “Defensores da Fronteira”, que naquela época pressionou o então candidato ao governo do Estado a se comprometer em ampliar a segurança pública em Ponta Porã. Pressionamos as autoridades paraguaias também e há até hoje um controle bem mais rígido dos dois lados por parte dos órgãos de segurança pública.

Nivalcir Pereira acrescenta:

Quando trabalhei na TV, vi que a programação do Brasil atraía muito os paraguaios, mesmo sendo transmitida em português, pois eles entendem bem a nossa língua. O paraguaio tem a necessidade diária de saber das notícias por meio da imprensa brasileira, até mesmo por não ter TV aberta do lado de lá.

O mesmo raciocínio foi observado nas respostas relacionadas ao conflito, embora, na visão dos profissionais entrevistados, esse conceito esteja mais relacionado ao resultado da criminalidade retratada na fronteira do que propriamente à relação cultural ou social entre as comunidades. Fatima Raquel e Ronald Diaz utilizam as mesmas palavras para dizer que as situações que mais provocam conflitos com o outro lado são matérias e fotos publicadas sobre homicídios, provavelmente devido ao impacto provocado pelas imagens – divulgadas em sites e jornais de forma clara, em ângulos próximos e frontais.

Ronald Diaz lembra que notícias em tempo real sobre blitzen nas rodovias provocam muitas situações embaraçosas aos dois lados. Nivalcir Pereira acrescenta que um fato corriqueiro também provoca reações adversas nos paraguaios, quando noticiado pelos veículos locais: “Quando há operação policial e os militares brasileiros entram em território paraguaio, isso causa conflitos, inclusive com as autoridades, que reclamam que não são avisadas sobre a perseguição”. Leo Veras complementa com a avaliação de que o oposto também ocorre, devido “à falta de preparo policial do outro lado da fronteira [Paraguai]”.

Para Pedro Zadyr, as “notícias sobre conflitos e todos os tipos de crimes são volumosas e sazonais” e, assim, “o jornalismo na fronteira cria uma espécie de curiosidade e necessidade imediata de ver quem morreu ou foi preso”. Ele avalia, no entanto, que as notícias relacionadas à integração interessam muito mais, conforme mostram os mecanismos de medição de acessos de seu site. Ainda assim, entende que essa dualidade depende da vontade do jornalista em fomentar a paz ou o conflito, e relata uma experiência própria:

O povo paraguaio é patriota ao extremo e não tolera nenhum tipo de provocação em relação a seu país. Muitas vezes, colocamos uma palavra que é mal compreendida e gera muita repercussão. Aconteceu comigo numa matéria em que critiquei a forma como eles dirigem no nosso trânsito. A repercussão foi tão negativa que acabei tirando [o conteúdo] do ar para preservar o site.

Giovani Cezar também relata uma experiência própria neste sentido:

Aqui na região há um posto de combustível brasileiro, construído na saída de Ponta Porã, a 200 metros do Shopping China [maior estabelecimento comercial das duas cidades, situado na linha divisória, do lado paraguaio] em funcionamento há muito tempo. A administração do shopping expandiu seus negócios e construiu um posto dentro do seu próprio estacionamento, com preços muito mais baixos. A pedido do empresário, dono

do posto de combustível brasileiro, o entrevistamos aqui na rádio em meados de 2013 e o assunto foi, basicamente, a concorrência desleal. Durante dois dias de entrevistas, estiveram presentes outros empresários e também representantes da Associação Comercial e da Fecomércio. Convidamos várias vezes o dono do Shopping China para dar seu ponto de vista como direito de resposta, mas ele nunca veio. Isso gerou um grande conflito e o resultado foi um desgaste de relacionamento entre o estabelecimento e a emissora, além de um grande prejuízo financeiro, pois [o shopping] cancelou os contratos de mídia e até hoje não voltou a anunciar conosco. Por outro lado, os empresários brasileiros, inclusive de outros segmentos, sentiram-se aliviados com as entrevistas, por tratarmos insistentemente de um assunto que é um problema para o comércio brasileiro em Ponta Porã.

Na opinião de Eder Rubens, no entanto, as duas questões dependem muito de como atua o profissional de Comunicação quanto aos temas tratados, podendo servir de motivador para o conflito ou a integração. Para completar sua avaliação, ele recorre ao aspecto histórico: “É visível que ainda existe uma resistência do país vizinho com relação ao Brasil, por conta de uma rusga histórica. É preciso ter cautela e conhecer bem a história da aproximação entre esses dois países, que é um exemplo de superação e tolerância”.

Reflexão

As opiniões e fatos concretos relatados pelos sete jornalistas fronteiriços entrevistados permitem assumir, ainda que muito preliminar e particularmente, que a mídia tem participação relevante nos múltiplos fatores presentes na região abordada, com conotações políticas, econômicas, religiosas, sociais, etc. (MÜLLER et al., 2010). Pode-se argumentar que essa participação se dá em qualquer região. No entanto, na fronteira ela ganha outros contornos porque, como afirmado inicialmente, a mídia está inserida num contexto de expressiva complexidade, marcado pela relação de duas ou mais culturas e identidades que não só se caracterizam pela diferença e pelo contraste (BARTH, 2000), mas são marcadas profundamente por um conflito de proporções continentais – caso do Brasil e do Paraguai. Sobre essas peculiaridades, Soares (2011, p. 51) observa:

O fazer jornalismo em uma região de fronteira possui certas características que, de alguma forma, o diferencia de outras regiões. Não chega a ser diferente no formato, mas na forma de entender o vizinho próximo. Nas necessidades fronteiriças há uma dualidade que não se dá em outros lugares. Na fronteira, o interesse informativo de um lado e de outro pode se chocar. Há de se ter uma visão ampla a respeito dos dois lados para que a informação tenha valor para as duas sociedades.

A partir das respostas obtidas, torna-se evidente o expressivo interesse das duas comunidades pelas notícias locais, de um lado e de outro, o que se pode afirmar a partir da constatação do grande número de jornalistas atuantes em Ponta Porã e Pedro Juan Caballero, bem como do número significativo de veículos de

Comunicação estabelecidos naquela zona fronteira. Como lembrou Nivalcir Pereira “a fronteira é uma fonte inesgotável de matérias, não faltam pautas”. A fronteira, assim, vale-se da Comunicação, e do jornalismo em particular, como elemento essencial para sua própria existência.

Como sinalizam Müller et al. (2010, p. 124), “a mídia da fronteira funciona como a representação concreta das relações que se estabelecem na sociedade, a partir dos interesses e desejos desta, decorrentes das crises, conflitos e necessidades que se criam no dia a dia de vizinhança”. Este posicionamento reforça a hipótese de que os conflitos geram formas de integração (ALBUQUERQUE, 2010), e que o jornalismo fronteiro é promotor de conflitos, mas também trabalha para discuti-los como potenciais fontes de integração. A partir deste ponto de vista, o conflito não poderia ser entendido somente por seu lado negativo, mas como um fenômeno essencial à mudança e à melhora de uma dada condição social.

Não há na verdade uma contradição e sim um direcionamento no sentido da existência de uma interligação entre o global e o local. É possível que em alguns casos a mídia local represente o “símbolo da resistência” no sentido de espelhar e ajudar a reproduzir hábitos e costumes, comportamentos peculiares de cada região, em contraponto ao que é trazido do “mundo externo” pela mídia de massa. (MÜLLER, 2000, p. 5).

Definida por Raddatz (2015, p. 209) como “zona de impacto” e “ao mesmo tempo lugar de integração e espaço de tensão”, assim a fronteira se manifesta na visão dos jornalistas entrevistados que, de modo geral, percebem, entendem e expressam o impacto de seu trabalho, e da mídia fronteira, na integração e no conflito entre os povos das duas cidades, dos dois países. Muitas vezes, a integração é mencionada de forma ‘natural’ pelo profissional, como sendo um fenômeno entranhando no cotidiano fronteiro. Da mesma forma, o conflito pode ser entendido como manifestação da criminalidade presente na região, e não como um aspecto de fundo cultural. De todo modo, a partir dos depoimentos, pode-se assumir que os dois termos compõem a essência da mídia fronteira.

Considerações finais

Com o breve levantamento realizado, não se pretendeu chegar a uma conclusão acerca de um tema tão vasto, que, como reconhecem os pesquisadores consultados, ainda carece de estudos aprofundados. Buscou-se conhecer um pouco do ponto de vista desses profissionais que atuam numa região que impressiona pelas dificuldades apresentadas, pelos riscos envolvidos e, também, pela riqueza de matéria-prima para a atividade jornalística. A conclusão que se pode arriscar, portanto, é que o jornalismo irriga a vida na fronteira, independentemente da discussão sobre isso também ocorrer ou não em regiões não fronteiriças.

Também se faz necessário um estudo aprofundado e uma amostragem maior para demonstrar com mais assertividade o verdadeiro impacto do trabalho dos jornalistas sobre aspectos mais abrangentes, como a integração e o conflito entre Estados-nações, do ponto de vista institucional e diplomático. De todo modo, a integração e o conflito se materializam no cotidiano da fronteira, na e pela pauta jornalística, alimentando-se mutuamente e, juntos, movendo as duas comunidades para a superação de resquícios dos conflitos de grandes proporções do passado.

O jornalismo integra os povos porque, como afirma Raddatz (2015, p. 212), o jornalista é uma espécie de mediador entre as duas culturas e “tem facilidade de circulação em quaisquer dos ambientes [...] e pode contribuir para uma articulação das questões que dizem respeito ao seu campo de atuação porque é um conhecedor da realidade e de seus melindres”. Concorda-se com a tese de Soares (2011, p. 154-156) de que o jornalismo de fronteira “promove ações de proximidade e de conectividade entre as duas sociedades fronteiriças” e “realça valores identitários locais”, criando concretas “possibilidades de diálogo entre as duas comunidades”, porque é por essência dirigido “às populações das duas cidades”.

Referências

- ALBUQUERQUE, J. L. C. Conflito e integração nas fronteiras dos “brasiguaios”. *Caderno CRH*. Salvador, v. 23, n. 60, p. 579-590. 2010. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/3476/347632182009/>>. Acesso em: 10 dez. 2015.
- ALBUQUERQUE, José Lindomar Coelho. Conflito e integração nas fronteiras dos “brasiguaios”. *Caderno CRH*. Salvador, v. 23, n. 60, p. 579-590. 2010.
- BARTH, Fredrik. *O Guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Tradução de John Cunha Comerford. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000.
- BENTO, F. R. *Cidades de Fronteira e Integração Sul-Americana*. Jundiaí: Paco Editorial, 2013.
- DGEEC – Dirección General de Estadística, Encuestas y Censos. *PARAGUAY: proyección de la población por sexo y edad, según distrito, 2000-2025*. 2015. On-line. Disponível em: <<http://www.dgeec.gov.py/Publicaciones/Biblioteca/proyeccion%20nacional/Proyeccion%20Distrital.pdf>>. Acesso em: 25 jul. 2017.
- DIAS, R. Um tema emergente em Relações Internacionais: a paradiplomacia nas cidades e municípios. *Revista Âmbito Jurídico*. Rio Grande, v. 13, n. 79, p. 1-15, 2010.
- FOUCHER, M. *Obsessão por Fronteiras*. Tradução de Cecília Lopes. São Paulo: Radical Livros, 2009.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Brasil 500 anos: território brasileiro e povoamento*. 2017. On-line. Disponível em: <<http://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-e-povoamento/construcao-do-territorio/territorio-legalizado-os-tratados.html>>. Acesso em: 14 jul. 2017.
- LEENHARDT, J. Fronteiras, fronteiras culturais e globalização. In: MARTINS, Maria Helena (Org.). *Fronteiras culturais: Brasil-Uruguai-Argentina*. Cotia: Ateliê Editorial, 2002. p. 27-34.
- MACHADO, L. O. *Sistemas, fronteiras e território*. Rio de Janeiro: Grupo Retis/UFRJ, 2002.

MCCOMBS, M. E.; SHAW, D. L. The Agenda-Setting Function of Mass Media. In: *Public Opinion Quarterly*, v. 36, p. 176-187, 1972.

MÜLLER, K. M. et al. Comunicação e Integração Latino-Americana: a participação da mídia local na construção da cultura e da identidade fronteiriça. *Revista Fronteiras – estudos midiáticos*, v. 12, n. 2, p. 116-125, 2010.

MÜLLER, K. M. Processos midiáticos em comunidades fronteiriças: o papel da mídia local impressa. In: Congresso Latinoamericano de Ciencias de la Comunicación, 5, 2000. *Anais...* Santiago do Chile, 2000.

ORTIZ, R. *Mundialização e Cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

OTA, D. C. Radiojornalismo na Fronteira: Especificidades na Produção e Disseminação do Conteúdo Jornalístico. In: RADDATZ, V. L. S.; MULLER, K. M. (Org.). *Comunicação, Cultura e Fronteiras*. Ijuí: Unijuí, 2015. p. 181-200.

RADDATZ, V. L. S. Fronteiras culturais: o papel do rádio fronteiriço. In: RADDATZ, V. L. S.; MÜLLER, K. M. (Org.). *Comunicação, Cultura e Fronteiras*. Ijuí: Unijuí, 2015. p. 201-218.

SOARES, M. V. C. *Televisão Fronteiriça: TV e telejornalismo na fronteira do Brasil e Paraguai*. Campo Grande: Editora UFMS, 2011.

SOUZA, R. C. M.; OLIVEIRA, A. R. F. As cidades fronteiriças na América do Sul: polêmicas e conflitos com o centro oeste brasileiro. *Revista Tamoios*, v. 10, n. 1, p. 67-87, 2014.

WEBER, A. F. Como os meios de comunicação integram e separam nações: um olhar sobre a história da imprensa fronteiriça na Bacia do Rio da Prata. *Revista Brasileira de História da Mídia*, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 105-113. 2014.

ZURITA, R. W. P. *Aproximación al Concepto de Periodismo Transfronterizo*. Piura: UDEP, 2014.